

INTER NARRAÇÕES ENTRE CONTROLE E LINGUAGEM: O QUE A LITERATURA DISTÓPICA NOS CONTA SOBRE O AUTORITARISMO?

BERGMAM, S. B.¹, LAZZARIS, F.²

¹ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil –
samantabergmam.aluno@unipampa.edu.br

² Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil –
fabianelazzaris@unipampa.edu.br

RESUMO

Ao partir do princípio de que ficção e realidade compõem a si mesmas mutuamente, em especial pelo domínio da linguagem e pela prática discursiva, o presente trabalho busca analisar as inter narrações possíveis entre obras da literatura distópica e a realidade histórica, através da comparação de eventos e processos sociais constitutivos do autoritarismo. Desse modo, a partir de aportes teóricos sobre gênero, raça, classe, sexo, sexualidade e suas respectivas interseccionalidades, bem como sobre as estratégias de controle utilizadas para a construção e perpetuação de regimes autoritários, procura-se evidenciar o quão tênue consegue ser a relação entre ficção e não-ficção, utopia e distopia, bem como as reflexões sobre passado, presente e futuro, concluindo que a dinâmica utópico-distópica dentro da literatura logra ser tanto um reflexo da realidade quanto, ao mesmo tempo, uma ferramenta potencial para mudá-la.

Palavras-chave: Autoritarismo, Estratégias de controle, Literatura distópica.

Agradecimentos: A presente pesquisa integra o projeto de pesquisa *Laboratório de Investigação em Textualidades Contemporâneas* com fomento/recursos do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica (PRO-IC) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

1 INTRODUÇÃO

Há muito tempo na História existe a tentativa falha, porém constante, de instaurar oposições simplistas como resposta de situações complexas: a luta do bem contra o mal, do certo contra o errado, do normal contra a aberração... a origem santa ou profana das mulheres e sua moral que ou é íntegra ou é degenerada (nunca os dois, nunca nenhum). Um extremismo concreto criado pelo mito de que sim, existe uma raiz que é imutável, dual e rígida, seja ela qual abstração se escolha: uma ideia, um conceito, um posicionamento, um deus, vários deuses, uma religião, uma energia, uma organização... um *algo* em que se acredita ou se está

inserido, e que *por, para* ou através *d'ele* algumas ações são exercidas e determinadas consequências são justificáveis.

Tanto a realidade quanto a “ficção” se compõem mutuamente em suas inter relações e inter narrações, pois assim como a ficção se constitui a partir de repertórios reais, ela mesma tende a ser uma ferramenta de mudança da realidade, uma vez que através das reflexões e discussões sobre seu universo estão sendo discutidas, também, as questões reais que lhe embasam, em (re)formulações simultâneas e, de certo modo, quase que integralmente. Dito isso, à medida que os estudos e análises sócio-literárias avançam, torna-se ainda mais visível a intersecção entre obras de literatura distópica e a realidade, como no caso de regimes autoritários, por exemplo, a partir de uma série de aspectos e pontos comuns entre acontecimentos históricos e eventos narrativos, além de como essas comparações, quando revisadas e aprofundadas, podem contribuir individual e coletivamente para a História, sem que determinados erros, opressões e violências ocorram novamente, ou nas palavras da escritora e ativista Nancy Fraser, na espera de que “[...] esse olhar para o passado nos ajude a olhar para o futuro.”¹

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Este trabalho foi baseado em uma abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos descritivos e de procedimento bibliográfico-documental, pautando-se sobre dois grandes eixos, sendo eles: obras de literatura distópica e obras informativas sobre autoritarismos, para que desse modo fosse realizada uma análise comparada entre ambos, a fim de destacar seus pontos de convergência.

Com relação ao primeiro e principal eixo, foram lidas e revisadas obras como *O Conto da Aia*, *Os Testamentos* e *O Coração é o Último a Morrer* (ATWOOD); *O Doador de Memórias* (LOWRY); *Vox* (DALCHER); *As Horas Vermelhas* (ZUMAS); *Laranja Mecânica* (BURGESS); *Trilogia Jogos Vorazes* (COLLINS); *Fahrenheit 451* (BRADBURY); *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY) e *1984* (ORWELL), nas quais foram examinados os recursos narrativos, descritivos e de linguagem que continham aspectos de semelhança ou intertextualidade entre os títulos, ao se utilizar também de outros aportes como escritas, estudos e entrevistas tanto sobre seus contextos de produção quanto sobre seus respectivos autores. Já ao que tange a segunda

¹ Ler *Feminismo, capitalismo e a astúcia da história*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 25 - 46.

vertente, foram examinadas escritas como *Linguagem, gênero e filosofia: qual o caminho criado para as mulheres? Uma abordagem Wittgensteiniana* (RIBEIRO); *A Ordem do Discurso e Vigiar e Punir* (FOUCAULT); *Como as Democracias Morrem* (LEVITSKY); *As Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo* (ARENDT), *Utopia/Dystopia: conditions of historical possibility* (GORDIN; TILLEY; PRAKASH) e *O Que Resta de Auschwitz* (AGAMBEN), além de demais leituras sobre aspectos que comumente facilitam a criação, instauração e perpetuação autoritária, bem como estratégias de controle social e suas aplicações em períodos históricos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos levantamentos e das comparações desenvolvidas, notou-se que o *controle da linguagem*, como a troca de letrados por símbolos (*O Conto da Aia*), o uso de aparelhos que limitam o vocabulário (*Vox*) e a proibição de qualquer leitura ou escrita, bem como a queima de livros (*Fahrenheit 451*); a ideia de *torre de vigilância*, através de aparelhos e de indivíduos (*1984* e *Admirável Mundo Novo*); o *domínio sobre corpos*, geralmente promovido por meio de violências físicas, psicológicas, sexuais ou pela administração de medicamentos (*As Horas Vermelhas*, *Laranja Mecânica* e *O Doador de Memórias*), bem como a *criação de um inimigo comum* (*O Coração é o Último a Morrer* e *Jogos Vorazes*) e o *cerceamento de liberdade e individualidade* são as principais estratégias autoritárias que culminam não apenas na criação de dinâmicas utópico-distópicas, como também em sua instauração e perpetuação, tornando-se praticamente unânimes em todas as obras verificadas e, também, marcando considerável presença em sistemas autoritários reais, como a padronização de roupas, a retirada de nomes atribuídos ao nascimento, o genocídio e a perseguição em massa de pessoas com determinados recortes minoritários, a exemplo do Holocausto (1941-1945), e a prática de (re)contar alguns fatos omitindo e/ou acrescentando informações, a chegada ao poder de indivíduos que contém discursos reacionários e a censura da liberdade de expressão, como a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), apenas para ilustrar dois eventos marcantes da História, já que existem inúmeros outros que também poderiam ser inter relacionados e igualmente apresentam aspectos semelhantes aos descritos.

4 CONCLUSÃO

Portanto, a partir dessas e demais possibilidades de análise, é possível identificar o traço factual de maior parte (senão todas) das obras distópicas contidas dentro da literatura e, para além disso, sua importância fundamental para evidenciar o presente, repensar o passado e construir o futuro sob novas perspectivas, que vale ressaltar, não são simples nem simplistas: mas tão complexas quanto os seres sociais que por elas são representados.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O Que Resta de Auschwitz*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2008.

ARENDT, HANNAH. *As Origens do Totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. Companhia de Bolso, 2013.

ATWOOD, Margaret. *O Coração é o Último a Morrer*. Trad. Geni Hirata. Rocco Digital, 2015.

ATWOOD, Margaret. *O Conto da Aia*. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. *Os Testamentos*. Trad. Simone Campos. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. Biblioteca Azul, 2012.

BURGESS, Anthony. *Laranja Mecânica*. Trad. Fábio Fernandes. Editora Aleph, 2019.

COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. Trad. Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

COLLINS, Suzanne. *Em Chamas*. Trad. Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.

COLLINS, Suzanne. *A Esperança*. Trad. Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.

DALCHER, Christina. *Vox*. Trad. Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2018.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Editora Vozes, 2014.

GORDIN, Michael; TILLEY, Hellen; PRAKASH, Gyan. *Utopia/Dystopia: conditions of historical possibility*. Princeton University Press, 2010.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Biblioteca Azul, 2014.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as Democracias Morrem*. Trad. Renato Aguiar. Zahar, 2018.

LOWRY, Louis. *O Doador de Memórias*. Trad. Maria Luiza Newlands. São Paulo: Arqueiro, 2014.

ORWELL, George. *1984*. Companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Linguagem, gênero e filosofia: qual o caminho criado para as mulheres? Uma abordagem Wittgensteiniana*. Belo Horizonte, v.5 - n.9, p.453-463. 1º sem. 2014. ISSN: 2177-6342. Disponível em:

<http://www.periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/7674> Acesso em: 20 fev. 2021.

ZUMAS, Leni. *As Horas vermelhas*. Trad. Isa Prospero. Editora Planeta do Brasil, 2018.